

Atlas revela rumos do Brasil

Ministério do Meio Ambiente lança primeiros mapas que avaliam exploração dos recursos no país

FERNANDO GODINHO

Coordenador de Economia da Sucursal de Brasília

Águas marítimas e fluviais poluídas pela indústria, pelas cidades, pela movimentação portuária e pelos complexos petroquímicos.

Ecosistemas desmatados e solos exauridos por uma exploração agrícola pesada e tecnologicamente inadequada.

Atmosfera comprometida pela emissão de resíduos tóxicos e regiões como a Amazônia, cerrado e Pantanal, agredidas pelo desmatamento e pela exploração do carvão vegetal.

Um exemplo concreto da degradação: nos cerrados de Minas Gerais, a bacia hidrográfica da região teve 558 dos seus 1.138 cursos d'água completamente secos em decorrência da diminuição da capacidade de retenção do lençol freático. Isso aconteceu em um único ano: 1990.

Esse retrato do meio ambiente brasileiro é traçado pelo primeiro "atlas ecológico" do país, reunindo dados sobre os ecossistemas e os impactos ambientais provocados pela atividade econômica e pela exploração dos recursos naturais brasileiros — todos os dados estão resumidos em 14 mapas.

A constatação do atlas, produzido pelo Ministério do Meio Ambiente, é desanimadora: o país precisa alterar seu planejamento econômico, sob pena de não inverter "uma tendência global de esgotamento no seu modelo de desenvolvimento".

A agricultura merece atenção especial do atlas — batizado de "Os ecossistemas brasileiros e os principais macrovetores de desenvolvimento" — que foi preparado pelo Ministério do Meio Ambiente a partir de dados catalogados pelos seus técnicos, por universidades e organizações não-governamentais.

Se, por um lado, a chamada "revolução verde" expandiu a fronteira agrícola do país e aumentou a produtividade das propriedades, "seus efeitos predatórios" já atingem todos os ecossistemas.

As perdas de solo por erosão atingem 25 toneladas ao ano por hectare, para níveis considerados normais entre 3 e 12 toneladas. Em todo o país, são perdidas quase 200 milhões de toneladas de terras férteis a cada ano.

Essas terras acabam sendo lançadas nos rios, assoreando-os e contaminando-os com os fertilizantes químicos e agrotóxicos utilizados nas plantações. Segundo o atlas, a fertilização atual da agricultura é "muito mais química do que orgânica".

Ao mesmo tempo, amplia-se indiscriminadamente a irrigação, causando a redução de rios naturais e comprometendo cidades e povoa-

dos da região.

Além da água, os produtos químicos utilizados na agricultura contaminam os animais domésticos e silvestres, os alimentos e até mesmo as pessoas — pois vão se acumulando em todos os componentes da cadeia alimentar.

Exploração florestal

Conjugada com a expansão agrícola, a atividade madeireira tem combinado estratégias de crescimento baseadas na exploração de florestas nativas nos ecossistemas amazônicos, do cerrado e da caatinga.

Respectivamente, as madeiras dessas regiões são destinadas para a exportação de toras, carvão vegetal para uso siderúrgico e lenha para uso doméstico.

Os estragos dessa atividade são verificados em todas as regiões do país.

No Nordeste, diz o atlas, a exploração madeireira-florestal se caracteriza pelo desmatamento puro e simples, sem preocupação com a reprodução ou a sobrevivência da fauna e flora locais.

A atividade é geralmente exercida de forma não-sustentada, sem investimento em tecnologia ou padrões de qualidade. Como atinge baixos índices de produtividade, essa exploração necessita cada vez mais de novas áreas para desmate, ampliando o processo de desertificação da região.

Mesmo as florestas plantadas representam uma consequência drástica da exploração vegetal. Nos litorais sul e norte da Bahia, por exemplo, essas florestas substituíram grandes extensões de Mata Atlântica — só para a indústria de papel e celulose, há cerca de 233 mil hectares reforestados.

Polição industrial

A vigorosa transformação industrial experimentada pelo Brasil após a Segunda Guerra Mundial (1939-45) também trouxe sérios danos ambientais para o país.

Na região metropolitana de São Paulo, as estimativas de concentração de poluentes atmosféricos revelam que 51% da emissão de partículas poluentes, assim como 31% da de dióxido de enxofre, estão associadas ao setor industrial.

A indústria de couros e peles é, de longe, a de maior intensidade de poluição hídrica remanescente, no que diz respeito tanto à carga orgânica, como a metais pesados — seguida pelas indústrias de bebidas, farmacêutica, alimentícia, química, papel e celulose.

No que diz respeito à poluição atmosférica, destaca-se a indústria metalúrgica, por suas emissões de gases de carbono e enxofre.

Amazônia sofre degradação

Da Sucursal de Brasília

A região amazônica está sendo degradada, principalmente, pela atividade agrícola e pela exploração madeireira.

De forma conjugada, o mais evidente impacto ambiental nos 4.005.082 km² da Amazônia é o resultado do desmatamento desordenado e das queimadas, práticas que têm como objetivo preparar terras para a agricultura e pecuária.

Até o final dos anos 80, haviam sido desmatados quase 400 mil km² (cerca de 8% da área total da floresta). Atualmente, o ritmo anual está na casa dos 14 mil km².

As consequências dessas atividades são diversas e desastrosas.

Nos últimos 25 anos, a Amazônia vem contribuindo com a emissão de até 10% das emissões mundiais de gás carbônico.

Chuvras torrenciais são verificadas em áreas desmatadas, aumentando a erosão dos solos e o consequente assoreamento dos rios.

As empresas que atuam na exploração de madeira aproveitam apenas a parte nobre do tronco. O restante das árvores fica para o fogo ou apodrece.

De acordo com o estudo, a Amazônia deverá se tornar a principal fornecedora de madeira do planeta, ainda neste século. A Amazônia já responde por 70% das toras extraídas no Brasil. (FG)

Pesca está em queda desde 85

Da Sucursal de Brasília

A produção total de pescados no país vem caindo desde 1985, segundo os dados coletados pelo "atlas ecológico" do Ministério do Meio Ambiente.

Naquele ano, foram produzidas em todo o país 967.600 toneladas de pescado. O último dado coletado se refere a 1991, quando foram produzidas 800 toneladas de pescado — uma queda de 17,32%.

A redução no potencial de pesca nos mares brasileiros, aliada ao grande número de embarcações ociosas, faz com que a descoberta de um novo estoque desencadeie uma corrida para essas áreas.

A atividade pesqueira no país também é caracterizada por méto-

dos rudimentares, afirma o atlas.

Quando a rede de arrasto é utilizada para pescar uma espécie determinada, normalmente são capturadas dezenas de outras espécies, havendo desperdício.

Para capturar um quilo de camarão, por exemplo, a rede de arrasto pesca outros 4,5 quilos de outros animais (peixes, moluscos e crustáceos) — desse total, 2,7 quilos são desprezados, apesar de terem aceitação para o consumo humano.

A maior parte desses peixes é jovem e comercialmente inadequada para o comércio. Resultado: a captura deles compromete o futuro das espécies e, consequentemente, o potencial dos estoques. (FG)

